

## O RACISMO E SEUS EFEITOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE PESSOAS NEGRAS: UMA ESTUDO A PARTIR DA OBRA “CARTAS PARA MINHA MÃE”, DE TERESA CÁRDENAS

Fabíola Jerônimo Duarte de Lira <sup>1</sup>

### RESUMO

Ao compreender que, embora a escola seja um espaço que recebe um público diverso, nele o racismo ainda impera (Duarte, 2023), performando identidades e naturalizando opressões, propõe-se neste estudo relatar uma sequência didática a partir da obra “Cartas para a minha mãe”, de Teresa Cárdenas, aplicada a alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Presidente Castelo Branco, localizada na cidade de Lagoa Salgada-RN. A proposta didática, além de almejar que os discentes tivessem um letramento literário crítico, também propunha a reflexão acerca dos efeitos sociais do racismo sobre as identidades de pessoas negras, expondo a relevância da construção de uma identidade que resiste e que afirma-se, mesmo diante de um contexto social opressor. Como aporte teórico, utilizou-se as considerações de Cosson (2014; 2011), concernente ao letramento literário, hooks (2019), Bueno (2020) e Hall (2016), no tocante a identidade de pessoas negras e a exposição do racismo como uma construção social. Ao final da ação, observou-se a relevância da utilização do texto literário como base para a discussão de questões sociais, como o racismo, além da importância de tematizar as consequências do racismo dentro do contexto educacional e a partir dele, tanto para o combate ao racismo, mediante a conscientização de como este é estruturado, quanto para a consolidação de uma identidade forte e coesa com a própria raça, por parte daqueles que se identificam como sendo negros ou pardos.

**Palavras-chave:** Letramento Literário, Racismo, Identidade.

### 1 Introdução

A literatura, além de expressar esteticamente a realidade, também se constitui como espaço de reflexão crítica e de produção de identidades. No caso da literatura produzida por mulheres negras, essa dimensão é ainda mais significativa, pois se contrapõe a séculos de representações estigmatizadas que reduziram a experiência da mulher negra a estereótipos racistas e sexistas. Como demonstra Patricia Hill Collins (2009), as chamadas imagens de controle, tais como a *mammy*, a *matriarca* e a *Jezebel*, funcionam como mecanismos ideológicos que moldam a percepção social sobre a mulher negra, legitimando desigualdades e opressões.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Proling/Universidade Federal da Paraíba-PB, [fabiollla-mf@hotmail.com](mailto:fabiollla-mf@hotmail.com)



Neste sentido, Duarte (2025), ao analisar a obra da escritora cubana demonstra como as personagens são marcadas pelo racismo internalizado, tanto em termos sociais quanto subjetivo. Contudo, também problematiza como a protagonista, em processo de afirmação, resiste às imposições da branquitude e às imagens de controle, reafirmando ao longo da obra a sua identidade negra. A leitura da obra, portanto, revela não apenas as feridas deixadas pelo colonialismo, mas também os caminhos possíveis de resistência e reconstrução subjetiva.

A partir dessa reflexão, torna-se evidente a relevância de trabalhar *Cartas para minha mãe* em contexto escolar, sobretudo no Ensino Fundamental II, onde discussões sobre identidade, racismo, gênero e ancestralidade são fundamentais para a formação crítica dos estudantes. Para tanto, propõe-se uma sequência didática que articula leitura literária, análise crítica e produção textual, permitindo aos alunos reconhecer a violência simbólica das imagens de controle e, ao mesmo tempo, valorizar as estratégias de resistência presentes na narrativa. Assim, a intersecção entre teoria acadêmica e prática pedagógica reforça o papel da literatura como instrumento de emancipação e de combate às desigualdades sociais.

## **2 A ação das imagens de controle em *cartas para minha mãe*, de Teresa Cárdenas**

A narrativa de Teresa Cárdenas apresenta 44 cartas escritas por uma menina negra órfã à mãe falecida, entre os 10 e 15 anos de idade. Ao longo do texto, a protagonista relata episódios de agressão verbal e física vindos da avó e de outras mulheres da família, que reforçam estereótipos racistas.

Logo no início, a avó afirma que “o melhor seria casar com um branco para apurar a raça” (Cárdenas, 2018). Essa fala expressa o racismo internalizado e remete à imagem da Jezebel, na medida em que sugere que a mulher negra deve usar o corpo para ascender socialmente. Ao mesmo tempo, reforça a ideia de que os homens negros seriam incapazes de prover dignidade, perpetuando a desvalorização da masculinidade negra (Davis, 2016).

Outro exemplo é a insistência da avó em manter vínculos de subserviência com famílias brancas, reproduzindo a imagem da *mammy*. Ao declarar que só sabe trabalhar como empregada doméstica, a personagem reafirma a naturalização da mulher negra como serva. O mesmo ocorre quando exige que a neta lave roupas “para aprender algo útil”, reforçando a exploração do trabalho infantil negro, herança do período escravista



(Souza, 2012).

A matriarca também se manifesta quando a avó assume o papel de mãe castradora e culpabiliza a neta por sua condição de pobreza. A violência física, descrita como “espancamentos como os sofridos por escravos” (Cárdenas, 2018), evidencia como o racismo internalizado pode transformar mulheres negras em reprodutoras de práticas opressoras.

Apesar disso, a órfã constrói uma identidade distinta. Ela valoriza seus traços negros e rejeita as críticas sobre sua aparência: “algumas pessoas não sabem ser negras. Tenho pena delas” (Cárdenas, 2018). Ao afirmar a beleza de sua pele e cabelos, contrapõe-se às primas, que desejam se aproximar dos padrões brancos. Essa atitude mostra a emergência de uma identidade crítica, que se nega a reproduzir as imagens de controle.

A sexualidade também aparece como campo de disputa, uma vez que, enquanto a avó associa a menstruação da neta a uma sexualidade precoce e perigosa (resquício da Jezebel), a jovem recusa essa interpretação, demonstrando consciência de si e de seu corpo. Portanto, enquanto a avó internaliza os estereótipos e os transmite, a neta desconstrói esses padrões ao afirmar sua negritude de forma positiva e autônoma.

Diante disso, a obra revela-se um recurso extremamente oportuno para o trabalho com a autoafirmação da identidade negra, especialmente entre adolescentes, que se encontram em pleno processo de construção pessoal e social. Nesse cenário, cabe à escola, e, de modo particular, aos docentes, promover espaços de discussão e reflexão que favoreçam o reconhecimento, a valorização e o fortalecimento dessa identidade no cotidiano da sala de aula.

### 3 Descrição da sequência didática proposta

Duração: 6 aulas de 50 minutos cada

#### 1. Etapa de Sensibilização (2 aulas)

Objetivos:

- Ativar conhecimentos prévios dos estudantes sobre racismo e representações da mulher negra.
- Introduzir o conceito de imagens de controle (Patricia Hill Collins).

Atividades:

- Debate em roda: que estereótipos aparecem nessas representações?



- Exposição dialogada sobre as principais imagens de controle: *mammy*, *matriarca*, *Jezebel* e *welfare mother*.

## 2. Etapa de Apresentação da Obra (2 aulas)

### Objetivos:

- Contextualizar a escritora Teresa Cárdenas e situar o enredo do livro.
- Estimular a curiosidade e levantar hipóteses sobre a narrativa.

### Atividades:

- Breve apresentação da biografia de Teresa Cárdenas e de sua importância como escritora cubana.
- Leitura coletiva das cartas iniciais do livro.
- Discussão em grupo: por que escrever cartas para uma mãe já falecida? Que sentimentos aparecem?

## 3. Etapa de Leitura e Análise (2 aulas)

### Objetivos:

- Ler trechos selecionados da obra de forma colaborativa.
- Identificar situações de racismo, violência e resistência.
- Relacionar as personagens às imagens de controle.

### Atividades:

- Localizar trechos que mostrem agressões físicas ou verbais sofridas pela protagonista.
- Identificar falas da avó ou das primas que expressem racismo internalizado.
- Apontar momentos de resistência ou afirmação da identidade negra pela órfã.

A aula da etapa de sensibilização começou com a projeção de imagens de mulheres negras em diferentes contextos: uma empregada doméstica uniformizada, uma atriz de destaque, uma atleta olímpica e uma política em campanha, conforme a figura 1.

Fig.1- Mulheres negras em posições sociais distintas



Fonte: Google (2025).

Logo nos primeiros minutos, os estudantes reagiram espontaneamente às imagens, comentando entre si as diferenças de representação. Alguns observaram que, no caso da atriz e da atleta, o destaque recaía sobre a beleza e a força física; já na imagem da empregada doméstica, chamava atenção a subalternidade transmitida tanto pelo uniforme quanto pela postura cabisbaixa.

Na roda de conversa que se seguiu, surgiram percepções variadas. Alguns alunos reconheceram a presença de estereótipos recorrentes, como a “mulher guerreira” e a “mulher sensual”, enquanto que outros destacaram a ausência quase total de mulheres negras em posições de poder, apontando a disparidade na forma como são representadas socialmente.

A partir dessa reflexão, a professora introduziu o conceito de imagens de controle, de Patricia Hill Collins, explicando de maneira acessível as quatro figuras centrais: a *mammy* (a serva fiel e submissa), a *matriarca* (a mãe dura e culpabilizada pela pobreza), a *Jezebel* (a mulher hipersexualizada) e a *welfare mother* (a mãe acusada de viver às custas do Estado).

Embora se trate de um conceito acadêmico, a explicação dialogada facilitou a compreensão. Muitos alunos demonstraram surpresa ao perceber que tais estereótipos não pertencem apenas ao passado: ainda hoje estão presentes em propagandas, novelas, programas de entretenimento e discursos jornalísticos, atravessando o cotidiano e adentrando, pela mídia, os lares brasileiros.

Na aula seguinte, o professor apresentou a trajetória de Teresa Cárdenas, destacando sua relevância como escritora cubana e a importância de sua obra na valorização da experiência negra feminina. Durante a exposição, alguns estudantes comentaram que conheciam poucos escritores negros da América Latina fora do Brasil, e esse dado despertou curiosidade, ampliando o interesse pela leitura do livro.

Em seguida, foi realizada a leitura coletiva das primeiras cartas. O ambiente da sala se transformou: o silêncio atencioso dos estudantes evidenciava concentração, e alguns chegaram a anotar frases que os impactaram. Quando a protagonista se refere à ausência da mãe, a atmosfera ficou mais densa e emotiva, com olhares atentos e expressões de empatia perceptíveis.

Na discussão em grupos, surgiram diferentes hipóteses interpretativas. Alguns



estudantes sugeriram que escrever cartas para alguém já falecido poderia ser um modo de desabafo ou até de busca por conselhos. Outros perceberam que, mesmo nos trechos iniciais, já se revelavam sentimentos de dor, solidão e a tentativa de manter viva a presença materna por meio da escrita.

Para aprofundar o contato com a obra, a turma foi dividida em grupos, e cada um recebeu um conjunto de cartas selecionadas do livro. A orientação do professor foi clara: identificar, nos trechos lidos, três aspectos centrais: (1) episódios de agressões verbais ou físicas sofridas pela órfã, (2) falas da avó e das primas que revelassem racismo internalizado e (3) situações em que a protagonista resistisse ou se afirmasse como mulher negra.

Durante a leitura compartilhada em grupos, a reação dos estudantes foi imediata e intensa. A obra mobilizou não apenas a razão, mas também a dimensão afetiva dos discentes. Em especial, gerou forte impacto a fala da avó, quando afirma que “é melhor casar com um branco para apurar a raça”. Essa passagem provocou murmúrios, expressões de espanto e olhares de reprovação, evidenciando que os alunos identificaram nela uma violência simbólica e uma reprodução de ideologias racistas ainda presentes no imaginário social. Um dos grupos destacou que a avó, ao mesmo tempo em que denuncia ter sido vítima de exclusão e preconceito, acaba por repetir o mesmo ciclo de opressão contra a neta, revelando como o racismo estrutural pode ser perpetuado dentro da própria família.

Na etapa de socialização coletiva, cada grupo apresentou suas conclusões de forma articulada com o conceito de *imagens de controle* previamente discutido em sala. Os estudantes reconheceram a figura da avó em diferentes estereótipos descritos por Collins (2000):

- A *mammy*, pela posição de subordinação diante das famílias brancas para quem trabalhava;
- A matriarca, pela postura rígida, autoritária e severa dentro do espaço familiar;
- A Jezebel, quando projeta sobre a neta a ideia de uma sexualidade precoce, associando sua condição de menina negra à promiscuidade e ao risco de desvalorização moral.

Essa identificação não se restringiu à mera aplicação teórica. Os alunos demonstraram compreender que tais imagens de controle não pertencem apenas ao



universo literário, mas dialogam com práticas sociais concretas, ainda hoje naturalizadas no cotidiano. A capacidade de estabelecer essa ponte revela o potencial da literatura como recurso pedagógico para dar visibilidade a estruturas de opressão que, muitas vezes, passam despercebidas.

Os grupos também enfatizaram as atitudes de resistência da protagonista, principalmente quando ela recusa os insultos dirigidos à sua aparência e afirma a beleza de seus próprios traços. Essa atitude foi considerada um contraponto fundamental às imagens de controle, pois demonstra que, mesmo em meio à violência simbólica e física, é possível criar brechas de afirmação identitária e de fortalecimento da autoestima. Os alunos destacaram que esse movimento de resistência da personagem pode inspirar reflexões sobre formas de enfrentamento do racismo em suas próprias realidades.

Assim, a análise coletiva mostrou que os estudantes não apenas compreenderam os mecanismos de funcionamento dos estereótipos raciais no enredo, mas também perceberam como eles atravessam gerações e se perpetuam nos laços familiares. Mais do que isso, reconheceram que essas mesmas estruturas podem ser questionadas e desconstruídas por meio da resistência individual e da solidariedade coletiva.

A sequência didática, ao articular sensibilização inicial, leitura compartilhada, análise teórica e produção textual, mostrou-se eficaz para aproximar os estudantes de uma obra literária pouco conhecida no contexto escolar, mas de grande relevância estética, ética e social. O percurso pedagógico permitiu que conceitos abstratos, como os de racismo estrutural e imagens de controle, fossem vivenciados de maneira concreta, a partir das experiências de leitura e das discussões em grupo.

A diversidade de atividades, desde a leitura coletiva até a produção de cartas dirigidas às personagens, favoreceu múltiplas formas de engajamento: a sensibilização inicial gerou abertura afetiva; a leitura compartilhada estimulou a empatia com a protagonista; a análise em grupo consolidou a compreensão crítica das opressões raciais; e a escrita de cartas possibilitou que os estudantes dialogassem com a obra a partir de suas próprias vivências, estabelecendo relações entre literatura e vida.

Ao final, ficou evidente que a literatura de Teresa Cárdenas vai além da denúncia do racismo e do sexismo: ela abre caminhos para a resistência, para o afeto e para a reconstrução da identidade negra. O processo pedagógico vivido pelos alunos não se limitou à interpretação de um texto literário, mas promoveu uma experiência formativa



capaz de ampliar horizontes críticos, estimular a empatia e valorizar as narrativas de resistência. A experiência confirmou, portanto, o potencial transformador da literatura no espaço escolar, sobretudo quando mediada de forma crítica, intencional e sensível.

#### 4 Considerações finais

A análise da obra “Cartas para minha mãe”, de Teresa Cárdenas, evidencia como a identidade da mulher negra é constantemente atravessada por imagens de controle, que se manifestam tanto em discursos quanto em práticas de violência simbólica e física. Essas representações da *mammy*, matriarca, Jezebel não apenas naturalizam desigualdades, mas também moldam expectativas sociais sobre o comportamento, a aparência e a sexualidade das mulheres negras.

No entanto, a trajetória da protagonista demonstra que tais imagens não são determinísticas. Ao afirmar sua negritude, valorizar seus traços e questionar as imposições familiares, a órfã constrói uma identidade crítica e resistente, capaz de romper com ciclos de opressão transmitidos por gerações. Esse contraste entre a avó, que reproduz padrões de subordinação e racismo internalizado, e a neta, que busca afirmar sua subjetividade e autonomia, ressalta o papel da literatura como espaço de denúncia, reflexão e transformação social.

Além de revelar as feridas do racismo e do sexismo, a obra evidencia caminhos possíveis de resistência e reconstrução identitária, mostrando que a literatura produzida por mulheres negras não apenas representa experiências historicamente silenciadas, mas também oferece instrumentos simbólicos para a contestação dessas opressões. No contexto escolar, a leitura e análise de textos como o de Cárdenas tornam-se especialmente relevantes, pois permitem que os estudantes reconheçam as estruturas de desigualdade, reflitam sobre sua própria identidade e compreendam a importância da resistência coletiva e individual.

Portanto, “Cartas para minha mãe” confirma o potencial transformador da literatura como ferramenta de emancipação, conscientização e valorização da identidade negra feminina, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que integrem leitura crítica, discussão social e produção autoral. Ao proporcionar aos alunos experiências de leitura significativas e reflexivas, a obra contribui para a formação de sujeitos conscientes



de seu papel na luta contra o racismo e o sexismo, fortalecendo a dimensão ética, estética e social da educação literária.

## REFERÊNCIAS

- BUENO, W. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- CÁRDENAS, T. **Cartas para minha mãe**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- CARDOSO, C. P. **Amefricanizando o feminismo**: o pensamento de Lélia Gonzalez. Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 965–986, 2014.
- COLLINS, P. **Black Feminist Thought**: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2019.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, C. Da representação à autoapresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, p. 52-57, 2005.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HOOKS, B. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- SOUZA, L. O. C. **Quilombos**: identidade e história. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

